

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

Amaro Xavier Braga Júnior*

Resumo: O estudo analisa a diversidade de identidades sexuais existentes em publicações de Mangá, destacando a grande diversidade de gêneros de quadrinhos relacionados à sexualidade e à produção de personagens cuja identidade de gênero se desloca para além da dicotomia masculino-feminino. Enfatiza a grande diversidade de modalidades eróticas produzidas pelo Japão nestes produtos midiáticos e as reconstruções múltiplas quanto às práticas homoafetivas e de outras sexualidades. Estes produtos são desenvolvidos não só para gays e lésbicas, mas para as meninas heterossexuais que gostam de ver as relações entre os meninos (Lover Boy) ou meninas (Shoujo-Ai). E o oposto, meninos heterossexuais, que gostam de ler romances com histórias de lésbicas (Yuri) e gays (Yaoi) e até quadrinhos para travestis, hermafroditas (Futanari) ou crossdressing ou que se vinculem a modalidades sexuais ainda consideradas desviantes socialmente como pedofilia. Compreender a integração desses temas incomuns (para os padrões ocidentais) é entender que o diálogo é possível com a diversidade sexual sem o perigo de tropeçar pontos de vista sobre conceitos deterministas de Barbárie ou quais outros levantados por aqueles que veem a diversidade sexual como antinatural ou problemática. A cultura japonesa, através do mangá, apresenta essa diversidade de papéis e identidades sexuais sem considerar questões como um problema ou um distúrbio. A pesquisa procura mostrar que a introdução de personagens transexuais nos quadrinhos pode colaborar para a diversidade ligada às identidades sexuais, sem estereótipos e visões discriminatórias, contribuindo para uma educação inclusiva sobre a diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chave: mangá, homossexualidade, identidade sexual

Abstract: The study analyzes the diversity of sexual identities existing in manga publications, highlighting the great diversity of forms of comics linked to gender, sexuality and the production of characters whose gender identity beyond the binomial Man-Woman. In addition to the multiple reconstructions homosexual practices regarding sexuality and other gifts in Japanese comics. These products are developed not only for Gays and Lesbians, but for straight girls who like to see relations between boys (Boy's Lover) or girls (Shoujo-Ai). And the opposite, straight boys who like to read novels stories with lesbians (Yuri) or between boys (Yaoi) and even comics for crossdressing, hermaphrodites (Futanari), or arrangements that bind the sex still considered socially deviant as Pedophilia.

* Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas.
contato: axbraga@gmail.com.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

Understanding the integration of these themes unusual (by Western standards) is to understand that dialogue is possible with sexual diversity without the danger of tripping over deterministic views about the concepts of impropriety, or which other barbarity raised by those who see it as unnatural sexual diversity or problematic. The Japanese through the manga, they can present this diversity of roles and sexual identities without addressing such issues as problem or disorder. Search, analysis, show that by introducing transgender and intersex characters in comics, defends diversity linked to affective sexual choices, moving away from stereotypes and discriminatory views thus contributing to an inclusive education regarding sexual diversity and gender.

Keywords: Manga, Homosexuality, Sexual Identity

Introdução

No ocidente, as histórias em quadrinhos, enquanto produtos midiáticos, são produzidos para o consumo de um público não muito diversificado. Gêneros chegam às livrarias e bancas com histórias das mais diversas, envolvendo super-heróis, terror, aventura, ficção e comédia. Apesar da diversificação temática, boa parte destes quadrinhos é produzida (e consumida) para um público jovem e infanto-juvenil. Isto é, apesar de ser consumido por diversas faixas etárias e classes sociais, é comum que o direcionamento de mercado e perfil editorial das editoras os direcione ao público infantil. No Brasil, de forma mais enfática, os quadrinhos são vistos como entretenimento descartável, infantilóide e essencialmente, um veículo para crianças.

Entretanto, a produção de quadrinhos em outros grupos culturais assume um destaque bem diferenciado em relação ao mercado brasileiro. No Japão, os quadrinhos (chamados de “Mangá”) são um veículo produzido e consumido por todas as faixas etárias e classes sociais. Sem correr o risco de exagero, é possível afirmar que neste país os quadrinhos são muito mais que uma forma de entretenimento infantil. É um produto de identidade e reconhecimento nacional e com grande representação econômica.

Em todos os mercados de quadrinhos no mundo existe uma grande produção de publicações cujo tema encontra-se vinculado ao sexo ou, de forma direta, à sexualidade¹. Estes quadrinhos podem ser nomeados como eróticos,

¹ Em verdade, questões vinculadas à ideologia sexual ou aos padrões de sexualidade (aprovação ou rejeição) podem ser extraídos, obtidos e encontrados através de representações sociais e\ou coletivas, em qualquer quadrinho publicado. Refiro-me aqui, especificamente, àqueles que abertamente envolvem-se com temáticas sexuais, seja com atos sexuais explícitos ou narrando romances de cunho sexual distinto dos padrões heterossexuais, apresentando assim, perfis de identidades sexuais diversificados.

pornográficos ou apresentarem nomenclaturas completamente particulares, como nos mangás. Durante a seleção de casos empíricos e da exploração dos dados, procurou-se identificar os casos que se direcionavam às temáticas incomuns aos padrões ocidentais. As práticas heterossexuais, portanto, não entraram nos esquemas de apresentação, por serem aceitas como “normais” pelo senso comum. Procurou-se problematizar as temáticas que se referiam a questões ainda vista como problemáticas pelos mercados ocidentais, especificamente brasileiro, e comprá-los com as produções nipônicas.

O objetivo foi identificar as representações de papéis homoafetivos nos mangás publicados no Brasil, enfatizando sua diversidade e tipologias (possíveis) de classificação.

Mangás intergêneros: sexualidades narradas e desenhadas

Entre os japoneses os quadrinhos são feitos pensando na satisfação de um público em função de sua idade, sexo, e classe social. Muitos destes temas serão vistos pelo ocidente com muita estranheza, não só pela própria temática, mas por se vincularem a uma publicação em quadrinhos, veículo percebido socialmente como juvenil. Entre estes temas, estão aqueles que são produzidos com algum tipo de vínculo com a sexualidade. Gostos, desejos, escolhas e opções sexuais permeiam a produção de quadrinhos com um tipo de naturalidade nada comum para os padrões ocidentais.

Os estudos sobre as dinâmicas da diversidade de gênero têm privilegiado as interações face-a-face e os movimentos políticos, além de, é claro, a compreensão dos indivíduos transexuais, intersexuais, transgêneros e até crossdressers, entre vários outros. Sem relegar a importância destes estudos, é importante despertar a atenção para outras formas de identificação destes fenômenos que envolvem o gênero e a sexualidade que dizem respeito a suas práticas de representação mediada e midiática. E ainda, deter uma atenção especial aos fenômenos que atuam (in)diretamente no processo de socialização destes papéis de gênero e identidades sexuais que se destinam (ou agem) sobre os jovens em seu período de construção (ou consolidação) identitária.

Ao trazer a discussão sobre a presença da sexualidade e da construção de gênero nos quadrinhos japoneses, não me refiro aos quadrinhos ou desenhos animados eróticos ou pornográficos, conhecidos como “Hentai”², e nem ao desenvolvimento de histórias em quadrinhos para um público homossexual jovem e adulto. Mas a produção (e consumo) de quadrinhos homoafetivos cujos padrões

² Nestas HQ's é comum a representação de cenas de sexo explícito. Algumas características particulares: as leis japonesas proíbem a exibição dos pelos pubianos, aliado ao desenho estilizado e com poucas ranhuras, as personagens femininas tendem a ter sempre a aparências de jovens imberbes e aparentar ao ocidente uma clara produção de pornografia infantil – apesar de não o ser, necessariamente.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

de gêneros não se encaixam na dicotomia binária ocidental homem-homem ou mulher-mulher (em relação aos gostos e preferências). A seguir expõem-se, de forma recortada, algumas das tipologias homoafetivas destes quadrinhos.

Encontram-se no mercado japonês quadrinhos de aventura feitos para meninas, onde aparecem romances lésbicos, denominados de “Shojo-Ai” (Fig.05), voltados para meninas lésbicas. Entretanto, quando estas histórias são produzidas para o público masculino, passam a ser denominadas de “Yuri” (Fig.04). A diferença do gênero é bem nítida, apesar de que no ocidente seriam tachadas, ambas, de pornografia infantil ou histórias homossexuais/lésbicas por retratarem jovens meninas ou adolescentes e mulheres adultas em situações eróticas. Os Yuri, muitas vezes chamadas de “Class S”³, invertem os estereótipos sobre a mulher e o homem, atribuindo a este último uma passividade feminina. As tramas sempre envolvem preliminares eróticas entre as meninas que se interessam pelos meninos e/ou buscam aprender a como se comportar com os garotos.

De forma ainda mais impactante, surgem aqueles quadrinhos voltados para os romances homossexuais masculinos. Quando são feitos para meninos, são chamados “Shonen-Ai” (Fig.03) (com conteúdo menos erótico) e quando são feitos para as meninas (!) são chamados de “Yaoi” (Fig.01), segundo Peret (2009:04):

Yaoi é um acrônimo das iniciais de “yama nashi, ochi nashi, imi nashi”, que é traduzido para o português como “Sem clímax, sem resolução, sem significado”. A expressão originalmente se referia a quaisquer paródias brincalhonas de publicações conhecidas, mas logo assumiu uma conotação apenas relativa à homossexualidade masculina.

O Yaoi às vezes é confundido com o termo “Boy's Lover” (BL) (Fig. 02) – um subgênero mais erótico - e em grande parte são desenhados por mulheres que se especializaram em desenhar para “meninas que gostam de meninos que gostam de meninos”⁴. As primeiras hq's surgiram na década de 1970 com algumas histórias onde meninos se declaravam apaixonados por outros meninos, inclusive já aparecendo românticas cenas de sexo entre eles (CÉ, 2010; GRAVETT, 2006). E como o mangá tem um ritmo de produção e subdiversificação temática muito célere, em comparação com outros mercados (BRAGA JR, 2005; 2011), não

³ Segundo Thompson (2010), o “S”, é do inglês “Sister”. Meninas que se viam como irmãs e se autoiniciavam nas atividades sexuais para aprendizagem prévia, antes de testarem com os meninos. Muitas vezes estimuladas para que as jovens ficassem treinadas para seus maridos.

⁴ Na prática, não há um acerto sobre os limites característicos de um e de outro. Muitas vezes os termos são usados indiscriminadamente, tanto por parte dos produtores (desenhistas, editores etc.) quanto dos leitores que os nominam conforme sua conveniência.

demoraram a surgir caracterizações específicas dos tipos de personagens destas histórias, cujos pares estão sempre constituídos entre um “Seme” e um “Uke”, literalmente, “atacante” e “receptor”, em outros termos: um passivo e um ativo. O primeiro retratando homens mais velhos, fortes e valentes e o segundo, sempre mais jovem, andrógino, emotivo, frágil. Comumente, estes personagens não se declaram homossexuais, ao contrário, possuem práticas heterossexualizadas e são acometidos pela paixão mútua e arrebatadora. Mulheres, nestas histórias, constantemente não aparecem, são coadjuvantes de segundo e terceiro plano ou terminam mortas de maneira trágica (CÉ, 2010; JONES, 2005; O'BRIEN, 2008; PERET, 2009). Em verdade, o gênero destas histórias circula entre o drama romântico-trágico ao demonstrar as vicissitudes enfrentadas pelos protagonistas em defesa de sua paixão ou romance. Envolvendo, às vezes, um suicídio ou fuga da sociedade ou o constante impedimento da concretização sexual ou do relacionamento (CÉ, 2010; THORN, 1993). Como são histórias feitas por mulheres para mulheres (e não para ou por gays), retratam um mundo estereotipado e alienado quanto aos papéis da homossexualidade (ARANHA, 2010; MCLELLAND, 2005; O'BRIEN, 2008; RODRIGUES, 2009; YOUSSEF, 2004).



Fig.01 - Sequência de páginas do mangá Yaoi Be-Boy. Romances homossexuais são produzidos em quadrinhos para atender a demanda da população que se interessa pela temática gay.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?



Fig.02 – Nos BL costuma ter cenas de sexo mais explícitas, como na imagem acima, onde o protagonista tem sua primeira relação sexual com alguns elementos sadomasoquistas. “leopard hakusho” n. 1, p.37.

Fig.03 – Já no Shonen-Ai, há uma tendência a cenas mais românticas e sem exibição de sexo ou cenas de nudez. “hana no mizo shiru”, n.10, p.5.



Fig. 04 - No Yuri, as histórias privilegiam as cenas sexuais lésbicas. “i fell in love”, n.3, p.14.

Fig.05 - Página do mangá “Her Temptation”, um Shojo-Ai com conflitos psicológicos do romance entre meninas, feito para meninas. Cenas mais delicadas e insinuações configuram este mangá.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

E não para nestes gêneros. Produzem-se mangás com histórias eróticas cujos protagonistas são crianças de até 16 anos, que se envolvem sexualmente com adultos. Estes quadrinhos quando envolvem meninas são chamados de Lolicon (Rorikon) (Fig.07), abreviatura de Lolita Complex (Complexo de Lolita). Quando são jovens meninos, são chamados de Shotacon (Fig.08). Para espanto do ocidente, ainda se encontra no mercado histórias que envolvem bebês em situações eróticas (Toddlercon)⁵. Apesar de tal posição chocar os valores ocidentais, o que se deve perceber aqui, é a penetração que o veículo “histórias em quadrinhos” possui neste mercado e como as temáticas são completamente mutáveis em relação aos padrões ocidentais.



Fig.06 – Cena do Futanari “Read-Me” . 2007. The secrecy of your heart. p.10. No enredo a protagonista tem medo de revelar seu pequeno “segredo”.



Fig. 07 – Cena de um Lilicon “Sasahara Yuuki Chiryou”, p.25. Cenas sexuais com crianças dissolvem os limites com a pedofilia no ocidente.

⁵ A legislação japonesa não compreende estes mangás como pornografia infantil ou uma prática que venha a estimular a pedofilia, considerados crimes no país, já que são desenhados e não fotografias com crianças de verdade. Sendo assim, não são vistas como “reais” e sim ficcionais.



Fig.08 – No Shotacon, as histórias em enredos envolvem meninos em situações eróticas com adultos. Como na cena acima do mangá “Skinship Syndrome”.



Fig. 09 – Página de Ranma 1\2, mostrando os dilemas de um menino que, devido a uma maldição, precisa viver como menina em diversos momentos de sua vida. Um exemplo clássico de Crossdressing Shota sem vínculos sexuais.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?



Fig.10 - Cena do Mangá Adekan (n.3). Apesar de não ser explicitamente um Shotacon, a autora insinua cenas libidinosas entre duas crianças. Uma delas começa a lamber as feridas de outra revelando posições e sons eróticos. Nos mangás termina não havendo limites entre um gênero e outro.

Na gama de gêneros pelo qual se produzem mangás, ainda estão aqueles que envolvem os hermafroditas, chamados de “Futanari” (Fig.06) e os que se dedicam aos meninos que gostam de se vestir com roupas do sexo oposto, denominados de “Crossdressing Shota” (Fig.09 e 10), já quando as meninas se travestem, passam a ser chamados de “Bender”. Estes mangás de travestimento, muitas vezes, não se envolvem com temáticas sexuais ou cenas eróticas. Desenvolvem enredos com personagens que se travestem ou fingem ser de um gênero não associado ao seu sexo de nascimento pelos parâmetros sociais. As histórias mostram as situações problemáticas e cômicas que envolvem estes indivíduos, mas não associam o travestimento a uma identidade sexual preestabelecida. Um exemplo disso foi o anime\mangá *Ramma Nibun-no-Ichi* ou *Ramma 1\2* (Fig.09), a história de um garoto treinado em artes marciais de 16 anos que é amaldiçoado: toda as vezes que é molhado com água fria ele vira uma menina. No fim as histórias mostram um personagem que vive continuamente um mundo onde precisa se relacionar conforme os papéis sociais de seu status

momentâneo (Menino ou Menina) e os conflitos morais e pessoais que surgem a partir da múltipla identidade de gênero.

A nomação, identidade sexual e ações afirmativas nos mangás

As nomenclaturas diversificadas para cada tipo de ambientação ou situação não podem ser negligenciadas como simples recurso estilístico ou riqueza linguística. A existência de um termo descritivo não só revela a existência da coisa nominada à comunidade nominadora, mas a capacidade que ela tem de descrevê-la, dominá-la e defini-la, em todos estes momentos, e integrá-la em seus contextos socioculturais. Esta integração não é, propriamente, aceitação, mas a presença da coisa no conjunto organizado de padrões de reconhecimento⁶.

Sabemos que em muitas culturas não existe o termo "homossexual", apesar da prática de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, com interação corporal, mútua ou unilateral, trocas de fluídos corporais e demonstrações de carinho entre eles, possa existir⁷.

No Japão, cada variação de gênero nas publicações em quadrinhos é nominada de forma diferenciada. Há definições específicas que revelam o tipo de estrutura do material – da sua aparência ao gerenciamento dos elementos constitutivos – e de seu público consumidor\leitor. No Brasil, ao contrário, não temos uma variante tão grande que comporte a identificação e distribuição destas publicações. O público no Brasil tende a uma desintegração de fatores associativos no consumo destes materiais⁸. Apesar das excessões, não se desenvolvem gêneros tão particionados como no Mangá.

A existência do termo, da nomação, atribui à coisa, sua existencia. Seu espaço. Com estudos sobre sexualidade se desenvolvendo e as conquistas políticas vinculadas aos GLBT, um grande número de termos diferentes e diferenciadores

⁶ Quando não se reconhece algo ou não existe termo para sua referência, não é que a coisa não exista, ela simplesmente ainda não foi totalmente conhecida, problematizada ou percebida ao ponto de se integrar. As nomeclaturas, os termos e suas definições justapostas, são um índice destas realidades culturais criadas. Para o cientista social, uma ponte para adentrar aos contextos culturais.

⁷ O que nominamos de "homossexualidade", no ocidente, incorpora práticas diferenciadas em cada cultura. O que pode ser considerado gay em um grupo, no outro, pode não ser percebido da mesma forma e vice-versa. Este mapa, cujo número de nódulos compõe-se das práticas estabelecidas como definitórias da situação, em um grupo, quando identificado, revela um sociograma da estrutura sociocultural relativa ao fenômeno mapeado.

⁸ E os próprios produtores, muitas vezes, não conseguem definir seus trabalhos e enquadrá-los em (sub)gêneros específicos. Esta discussão, inclusive, remete à tentativa de aglomeração em torno do termo "História em Quadrinhos" e associando a aparência estética do traço\arte-final com o gênero.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

vem surgindo e especificando a posição de cada indivíduo no estrato social⁹. Apesar de o termo “transgêneros” ter incorporado os transexuais e o travestismo, outras modalidades percebidas, nominadas e desenhadas nos quadrinhos japoneses, enaltecem sub-modalidades que não encaixam nas listadas. Não que devam se encaixar ou, pior, que sejam enquadradas como “doenças”, longe disso. A proposta aqui é perceber como o surgimento destas categorias corrobora para o melhor entendimento destas situações que envolvem comportamento de gênero e comportamento sexual.

Os quadrinhos japoneses deixam bem claro que estas estruturas (gênero e sexualidade) são diferentes e contribuem de forma também diferenciada para a formação da identidade de gênero e da identidade sexual dos indivíduos. No ocidente, estas situações ainda são consideradas sinônimas e co-determinantes, e confundem a cabeça dos jovens e de muitos membros da sociedade¹⁰.

Existir uma produção de mangá cujo gênero se defina como crossdressing significa que se produz para um público que não necessariamente mudará sua opinião ou prática sexual, mas já incorpora uma identidade de gênero diferenciada. E não custa lembrar: se estes quadrinhos são produzidos – e não falamos aqui de casos isolados ou publicações independentes, mas uma série de publicações intermitentes, constantes e de grandes tiragens – é porque são consumidos. Se são lidos, suas estruturas iconográficas tendem não só a funcionar como formas de entretenimento, mas, sobretudo, como agentes de socialização que aproximam seus leitores de formas antecipadas de comportamento e “manuais” moralizantes dos comportamentos envolvidos. Isto é, são formas pedagógicas de

⁹ Em certo momento histórico, a homossexualidade era considerada doença (de acordo com o CID – Classificação Internacional de Doenças), com as lutas políticas e os estudos antropológicos, muitas sociedades abandonaram o status de doença e migraram para comportamento desviante e depois para comportamento sexual. Entretanto, situações, antes descritas sob o termo “homossexualismo”, como o travestismo ou a mudança de sexo, foram incorporadas como transtornos de identidade sexual (CID 10 – F64) e pelos Transtornos de Preferência Sexual (CID10 – F65). Com mais estudos e militância política, o travestismo, saiu da lista, ficando apenas as outras modalidades de identidade sexual (Transexualismo, Travestismo Biavalente, Transtorno de Identidade Sexual na Infância, Outros e os Não Específicos) e nos de Preferência Sexual (Travestismo Fetichista, junto com a Pedofilia e o Sadomasoquismo).

¹⁰ Hoje aparecem muitos debates sobre o travestismo heterossexual (Um homem que gosta\prefere\precisa se vestir de mulher, mas continua a praticar\querer atividade sexual com mulheres), ainda visto como bizarrice ou como homossexualidade velada pelo senso comum. Identidade, comportamento e prática sexual escalonadas em níveis completamente diferentes – como deveria ser, mas que na tradição ocidental, ainda caminha com passos lentos para seu entendimento.

instrução que antecipam situações-problemas e fornecem práticas de resolução destes mesmos problemas. Terminam por se constituírem como modelos de referência comportamental ou de valorização identitária.

Outro fator surpreendente diz respeito à frequência da presença de personagens cuja identidade de gênero ou sexual é ambientada fora dos limites dicotômicos tradicionais (Homem\Mulher) presentes nas mais variadas histórias e gêneros de classificação, tanto nos mangás como nos animes. Dos violentos mangás para meninos (shonen) até as aventuras românticas femininas (shoujo) e as infinitas possibilidades de intercabeamento entre eles, a temática dos “intergêneros” sempre é detectada.

Consumo e produção de imagens homoafetivas nos mangás

O que impressiona, neste mercado de cultura pop japonesa, é o desenvolvimento de uma produção diversificada, em larga escala para os padrões internacionais, de materiais gráficos que se relacionam às múltiplas identidades sexuais, particularmente homoeróticas e homoafetivas, em uma sociedade cuja cultura se estabelece num forte elemento patrifocal valorativo da virilidade masculina e com certas doses de segregação feminina e misoginia.

É claro que também se identificou que boa parte destas inserções de temas homoafetivos masculinos e femininos se origina de uma assinatura estética que facilmente se vincula a produção visual das quadrinhistas femininas. Não são propriamente os mangakas masculinos que são responsáveis por esta estilística, mas suas companheiras femininas. O exemplo mais vívido desta temática homoerótica é do grupo conhecido como CLAMP.

O CLAMP surgiu como um grupo exclusivamente constituído de mulheres, que a partir do fim da década de 1980, começa a participar profissionalmente do mercado de mangás, que desde a década de 1960 contabiliza a crescente participação feminina, atualmente, com significativa participação das mulheres (PACHECO, 2009). No Brasil, os primeiros mangás de sucesso comercial, publicados pela JBC, e, de certa forma, responsáveis pela febre e fluxo dos mangás nacionais, vieram a partir das edições deste grupo (BRAGA JR, 2005; 2011a; 2011b).

Este não é um consumo de nicho. O número de edições é significativo não só no Japão, mas nos outros mercados que migra. São publicadas, em média, 30 edições diferentes de mangás no Brasil com periodicidade quinzenal, mensal ou bimensal, incluindo na estatística as edições únicas. Destas é possível enquadrar vinte e quatro publicações entre as categorias homoafetivas descritas anteriormente. Este percentual de presença de hq's publicadas no Brasil com conteúdo homoafetivo é mais do que significativo.

Deve-se considerar ainda que a comercialização e consumo de mangás não é restrita às bancas de revista e suas periodicidades quinzenais ou mensais. Atualmente as livrarias e lojas especializadas no segmento crescem e, praticamente, existem em todas as capitais mantendo um acervo permanente de exemplares destas publicações, independente do período de lançamento, ficando

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

restritos apenas à tiragem e a disponibilidade de vendagem. Corresponde, portanto, a uma contínua exposição destes materiais ao consumo.

Em 2008 foi publicado o Mangá *Gravitation*, reconhecidamente declarado um Yaoi. Foram doze volumes sem nenhum tipo de problematização social devido a sua natureza editorial: quadrinhos japoneses cujo enredo enfatiza os romances homoafetivos entre meninos, aos moldes do Seme\Uke, um mais jovem e outro mais velho. Seu sucesso comercial motivou a editora NewPop, especializada em mangá, a publicar outros produtos derivados, como o mangá *Blood Honey* (Fig.11), também Yaoi e os livros ilustrados chamados *Light Novels* de *Gravitation*, *Gravitation Red* e *Blue* (Fig.12). A comercialização das hq's no Brasil segue rigorosamente os números de vendagem. A insistência da editora em novos títulos do mesmo gênero só demonstra que as vendagens do primeiro foram substanciais, fazendo-a investir em um novo mangá. Significa, em outros termos, o consumo e aceitação ampla deste subgênero de mangá.



Fig.11 - Capa da 1ª edição brasileira de Blood Hooney de Sakyō Yosakura, publicado pela NewPop, 2008, 160 p. Dois rapazes abraçados e em cena romântica estampam as duas capas.



Fig.12 - Capas das edições brasileiras de Gravitation, Red e Blue. Desenvolvem histórias entre dois meninos, com diferenças de idade, tamanho e em constantes cenas afetivas e eróticas.

Esta ação de publicação de Yaoi não advém apenas de um prospecto editorial. Os Yaois e outros subgêneros semelhantes, vinculados às práticas homoafetivas, estão disponíveis em grandes portais de *fansubs* para leitura e download, já em português. Inclusive campanhas de incentivo para publicação destas revistas podem ser encontradas circulando na internet. Em uma delas se criou até uma petição online para a publicação do Yuri:

[...] Acreditamos que chegou a hora de todos os fãs e simpatizantes de mangás do gênero Yuri se unirem para que possamos tornar o sonho em realidade em nossas bancas. Independente do título que possa ser futuramente lançado por aqui, o primeiro passo tem que ser dado e o lançamento de qualquer mangá desse gênero, estaria abrindo passagem, para quem sabe, aquele que é tão especial para você. Esta é uma iniciativa em conjunto de todos os fãs, em um pedido unânime as editoras que olhem com carinho nossa reivindicação. Acreditamos no sucesso desse gênero, não somente entre o público consumidor de Yuri, mas como no geral, levando-se em conta o carinho que muitos sentem por uma **história doce e despretensiva envolvendo meigas garotas ou simplesmente por questões fetichistas**. É importante mencionar que o público de Yuri é bem diferente do de Yaoi, mas ainda que este tenha um público fiel, acreditamos que o "Girls Love" (termo para fãs consumidores de histórias de amor envolvendo garotas) tem um apelo muito mais abrangente. Pedimos a todos os interessados, que assinem a petição... (PETIÇÃO...[s/d], online) [grifo nosso]

É necessário perceber que a (re)publicação destes materiais pelas editoras nacionais é só um dos tipos de consumo, mas institucionalizado. Os sites, blogs e fóruns disponibilizam verdadeiras galerias abarrotadas de edições já traduzidas para o português e disponíveis gratuitamente para leitura e download. A frequência de surgimento destes sites e o grande número de materiais traduzidos revela o interesse do público e seu efetivo consumo.

Nos blogs/sites de *fansubs* é comum encontrar mensagens como esta: "Comentem por favor, e se você quer ver um casal ou tema específico, pode nos pedir que faremos com todo prazer! (\o/)" (SE-CHAN, 2012, online) referindo-se às postagens de imagens de mangás Yuri com cenas de relacionamento explícito (Fig. 13 e 14). Os comentários das postagens destes blogs e sites dedicados ao Yuri ou ao Yaoi revelam a natureza problemática do debate entre a afirmação de um gênero de identificação sem conotações sexuais e seu consumo, no Brasil, como pornografia. Ora ou outra os visitantes entram na discussão que as cenas são "estimulantes sexualmente" ou ficaram "excitados" com as cenas e estão desejosos por mais "cenas picantes" e são completamente rechaçados pelos organizadores do site/blog e até por outros leitores que enfatizam que estas imagens (e seu gosto e/ou atuação na divulgação) não estão relacionados a uma posição de sexualização do material. Como aparece nas falas de editora do blog: "Nossa Panino, a maldade *em parte* está no seu coração XD. Nós aqui no KaS falando de uma maneira tão

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

fofa e bonitinha desses casais e você aí maldando tudo xD.” (COMENTÁRIO..., 2011)

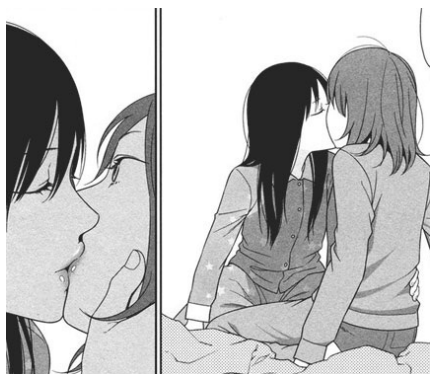


Fig. 13 - Cena do polêmico mangá “Prism” de Hikaru. Sua venda foi proibida nos EUA e retirado das prateleiras; até da versão digital a venda na Amazon foi deletada.



Fig. 14 - Cena romântica entre a Chitose e a Yae, personagens do mangá “Hanjuku Joshi”. A constância de cenas românticas entre o mesmo sexo são pedidas pelos leitores, enfatizando o tipo de imagem que é consumida.

Este material, ao contrário do que pode transparecer, não é de nicho. Uma pesquisa realizada pelo site *MangáUpdates.Com*, em 2010, fez um levantamento dos mangás Girls Love mais famosos e populares, publicados entre 1978 e 2010 chegando a um “Top 100” dos melhores mangás Yuri. Independente dos critérios metodológicos da listagem, o que nos interessa aqui é a possibilidade de produzir uma lista com as melhores cem publicações. Se for possível escolher cem delas, significa que o número real de publicações é superior a uma centena, senão não haveria motivos para chegar aos cem melhores. Só neste site, disponíveis para download, existem novecentos e setenta e seis títulos diferentes e cada título tem no mínimo uma edição lançada, podendo chegar a dezenas contínuas, ao longo de anos, numa única revista.

Os efeitos são tão explícitos que já mostram sua influência no mercado nacional. Publicações feitas por brasileiros e publicadas no território com circulação nacional se encontram sendo produzidas, com relativo sucesso comercial – tendo em vista seu não cancelamento – voltadas já para este segmento: as revistas “Vital” e “O Príncipe do Best Seller” do Futago Estúdio de Mangá. São quadrinhos brasileiros, mas identificados como “mangás nacionais” ou, tecnicamente, um Moho-Mangá ou Mangá-Mimético (BRAGA JR, 2011),

Um dos problemas que identifiquei é a confusão cultural surgida a partir das apropriações feitas pelos grupos de jovens e tribos urbanas da chama cultura pop japonesa, fortemente influenciada pelos mangás (e seus congêneres). A exibição do corpo, a sexualização das vestimentas e gestos de personagens são incorporados por estes grupos não com este intuito de sexualização, mas de incorporação do

ethos nipônico. Os cosplays e otakus, brasileiros, reproduzem uma imagética que, aos olhos dos indivíduos que não compartilham seu ambiente (sub)cultural particular, manifesta-se como uma indução à sexualidade.

Quadro 1: Mangás Lançadas no Brasil com Conteúdo Homoafetivo

Tipologia	Títulos	Quantidade
Explícitos	<i>Gravitation; Gravitation Blue; Gravitation Red; Blood Honey; Vitral¹</i>	5
Simpatizantes	<i>O Príncipe do Best Seller¹; Angel Sanctuary; Axis Powers Hetalia; Blood + Yakou Joushi; Colégio Ouran Host Club; Conde Cain; Fruits Basket; Gentlemen's Alliance Cross; Hunter x Hunter; Karekano; Otomen; Princess Princess; Sakura Card Captors; Tarot Café²; Tokyo Babylon; X/1999; Rosario + Vampire.</i>	16
Velados	<i>07-Ghost; Fushigi Yugi; Tsubasa Reservoir Chronicle; xxxHolic; Fullmoon wo sagashite; Naruto; Berserk; D. N.Angel; Zone 00, YuYu Hakusho.</i>	10
Total		31

Fonte: Quadro construído com base na análise das publicações e nos referenciais propostos por Anna (2011). São Mangás Nacionais do tipo Mimético ou Moho-Mangá (BRAGA JR, 2011). Entram na listagem por serem consumidos como um mangá tradicional, inclusive, são produzidos com a leitura invertida. Este é um manhwa, uma HQ coreana com similaridades com o mangá. Entrou na listagem também por ser consumida pelo público como um mangá.

Existem três categorias que devem ser consideradas em relação à temática homoafetiva nos mangás publicados no Brasil: (1) os mangás explicitamente denominados como de natureza homoafetiva (Yaoi, Yuri, Shonem-Ai, etc); (2) aqueles que são classificados em outros gêneros que espelham o conteúdo

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

dominante da história distante das questões homossexuais (como Shoujo, Jesei, Meca etc.), mas que apresentam enredos ou personagens que pertencem ou se relacionam com os gêneros homoafetivos, e que poderíamos chamá-los de “simpatizantes”. Nesta categoria, as inserções da temática sexual são frutos do que os japoneses chamam de “fanservice” do termo em inglês que significa “ao serviço do cliente”. Uma ação de incluir situações que os leitores manifestam nas cartas à redação e nos encontros com os autores. E, (3) os que incluem em seus enredos menções muito discretas à homoafetividade com posições de gozação, paródia ou insinuações veladas. Ou ainda, colocam os protagonistas em situações homoafetivas (beijos, olhares, esbarrões, toques) que os deixam constrangidos. Nesta categoria não há uma afirmação da identidade homossexual, mas ela é inserida, com certa naturalidade, nos enredos. Assim, a partir desta taxonomia breve, referir-nos-emos aos mangás homoafetivos que são (1) explícitos, (2) simpatizantes e (3) velados.

Nestes mangás, que classifico aqui como simpatizantes, se encontram situações que vão da construção imagética de personagens andróginos, afeminados, gays assumidos ou crossdressing (*Tarot Café*, *Angel Sanctuary*, *Gentlemen's Alliance Cross*), passando por declarações de amor ou perseguições platônicas de personagens do mesmo sexo, inclusive com declarações verbalizadas e cortejo (*Angel Sanctuary*, *Gentlemen's Alliance Cross*, *Princess Princess*, *Sakura Card Captors*), até em situações um pouco mais ousadas como no mangá *Blood +Yakou Joushi*, onde um mafioso aparece dormindo com rapazes ou como em *Hunter x Hunter* onde o personagem *Hisoka* paquera outro rapaz e chega a ficar excitado sexualmente durante uma luta com ele. Em *Conde Cain*, o personagem Oscar projeta em um personagem masculino uma constante lembrança de sua esposa morta, numa declaração apaixonada pelo personagem. Em *Otomen*, os meninos da história, todos heterossexuais, aparecem em constantes situações de comportamento com representações femininas: costurando, colhendo flores, usando maquiagens¹¹.

Das categorias eleitas, os explícitos descrevem abertamente personagens gays ou bissexuais em relações homoafetivas e seus principais conflitos. Já nos velados, as referências são mais passageiras. Vão desde eventuais crossdressing (*Fushigi Yugi*), passando por personagens que demonstram aversão por mulheres (*Fushigi Yugi*), beijos acidentais (*Fullmoon Wo Sagashite*) até piadas dos personagens com o gênero homoafetivo (*Zone00*). Nestes últimos, o contexto é muito mais de naturalidade que propriamente de homofobia. As inserções destas situações ocorrem nos mangás *shonen* (para meninos) e revelam a vontade e os valores de seus produtores – e sua insistência – em inserir elementos que tradicionalmente estariam ausentes neste tipo de publicação.

As implicações acerca de uma atmosfera pró-homoafetiva ficam realmente mais visíveis naqueles mangás que classifico como simpatizantes. As principais temáticas simpatizantes nestes mangás são: (1) Os afeminados, isto é, a

¹¹ O mapeamento das situações de fanservice BL que são referenciadas no parágrafo foram levantadas primariamente pela internauta “Anna” (2011) em postagem no blog Blyme – Blue Lemonade Yaoi.

feminilização dos personagens masculinos que manifestam um interesse exagerado por coisas culturalmente estabelecidas como “para mulheres” como maquiagem, roupas de aspecto particular e trejeitos físicos, que vão dos gestos até a sensibilidade ou aversão à luta ou à sujeira ou demonstram uma fragilidade e sensibilidade exarcebadas. (2) o Apego de Proteção, talvez, o recurso estilístico mais utilizado, onde dois personagens do mesmo sexo sentem-se comprometidos um com o outro numa relação ativo\passivo (Seme\Uke) tanto entre personagens masculinos, quanto femininos. Sendo, entretanto, mais comum o entre os meninos. Esta relação de apego irracional, que é responsável por cenas de abraços, choros, beijos e muitas cenas românticas entre os personagens podem ser explicadas pelo vínculo fraterno entre os personagens ou uma dívida moral, mas em sua grande maioria, não são explicados, deixando os leitores imaginarem o motivo que leva os personagens a manifestarem um interesse tão forte um pelo outro, sem nenhum tipo de declaração de ordem sexual, mas cuja conotação erótica é insistentemente alimentada pelos fãs nas sessões de cartas e fóruns virtuais e incentivadas pelos produtores. (3) as paixões platônicas nas histórias são recorrentes - o surgimento de personagens que se apaixonam por outros personagens do mesmo sexo. Esta paixão pode ser devida à beleza do outro personagem, independente do sexo; uma razão mística (feitiço, maldição) ou ainda, não explicada. Nestes casos as declarações são constantes e recusadas por aquele que despertou a paixão, atribuindo à história cenas cômicas. (4) os Crossdressing - personagens que se vestem do gênero diferente daquele vinculado ao seu sexo de nascimento aparecem com certa constância nos mangás, podendo tanto ser vilões (*Yu Yu Hakusho*) ou heróis (*Fruits Basket*). Nos mangás que não se declaram explicitamente Yaoi, Yuri ou BL\GL, os aspectos ligados à homossexualidade e seus congêneres são tratados, apesar da naturalidade, com indicações de comicidade. Meninos com beijos acidentais, vilões femininas que se descobrem homens disfarçados, mulheres e homens mais velhos tarados por seus pares imberbes sempre aparecem vinculados ao humor e a situações vexativas, constrangedoras ou simplesmente cômicas.

Refletir sobre o significado disto exigiria um tempo e espaço além daquele disponível neste artigo, mas intuímos que independente dos seus significados, seu consumo em ambientes culturais distintos daqueles que os produziram, tem impactos na percepção das representações homoafetivas e o tipo de apreensão que o público leitor faz deste tipo de relacionamento.

Origens e bases da atmosfera intersexual dos mangás

Para compreender este mercado de produção de mangás (e é possível estender tais considerações aos outros mercados) cogitou-se que o investimento na produção e sua diversificação estivessem associados às questões de comercialização e exploração do mercado sexual. A rentabilidade e fruição da temática sexual mostrou-se, no último século, ser uma boa fonte de investimento (das fotografias eróticas, álbuns e fotonovelas pornográficas, passando pelos VHS e o cinema erótico até a moderna indústria visual de vídeos cibernética com a

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

comercialização online). Seria esta diversificada produção de mangás focados na sexualidade, mas um efeito derivado desta indústria do sexo? Responder satisfatoriamente a esta questão exigiria um tempo e um espaço maior do que se dispõe neste trabalho, mas é possível mostrar que, no caso deste mercado japonês, não tão simples afirmar ou negar de imediato.

A trajetória do povo japonês, de sua arte, expressão visual e produção de mangá já mantinha uma forte estreita ligação com a temática da sexualidade.

Diferente do mundo ocidental, no Japão, a sexualidade sempre foi vista como uma expressão da natureza humana e, portanto, não proibitiva, nem pecaminosa.

Alguns estudos clássicos, como os de Wenceslau de Moraes (1895) e os de Ruth Benedict (1972) já demonstravam que a cultura japonesa possui estruturas culturais que possibilitaram uma reestruturação não só dos padrões sexuais, mas também do seu desvínculo com o comportamento de gênero. A religiosidade, tanto de base confucionista ou budista, aliada a estrutura processual do xogunato, relegaram os padrões de gênero e sexualidade ao mundo estritamente privado e fora do âmbito público, não havendo gerência de um sobre o outro, não se instituindo sistemas de discriminação reguladores e produzindo um clima criativo no desenvolvimento dos múltiplos papéis sexuais e a apropriação plástica da identidade sexual. Outro fator histórico que atesta este ambiente propício às relações homoafetivas foi a revogação da lei de 1876 que tornava crime o sexo entre homens num intervalo de apenas 10 anos. (MONTEIRO, 2011). É claro que o ambiente não era propício para este tipo de proibição. E uma das razões disso se encontrava nas expressões artísticas do período, primeiro da estética teatral no *Noh*, *Takarazuka* e *Kabuki*, muito particular, bem comentada em outros trabalhos (MCLELLAND, 2001; McHARRY, PAGLIASSOTTI e LEVI, 2008; MONTEIRO, 2011), mas também das próprias artes visuais deste arquipélago asiático.

As primeiras grandes expressões artísticas nipônicas já contavam com a temática erótica e o ato sexual como foco dos artistas. E, por mais que pareçam estranhos, seus registros não tinham uma visão romanceada, mas caricatural. Registravam cenas cômicas que retratavam traições, coitos interrompidos, violações não desejadas, adultérios e práticas sexuais não usuais – para os padrões ocidentais – envolvendo transexuais, hermafroditas e relações homoeróticas.

Identificamos estas incursões desde o período Heian (794-1185), mas o grande momento de produção, veiculação e consumo destas pinturas – que eram reproduzidas e vendidas nas feiras ou encomendadas nos ateliês, em folhas avulsas ou em álbuns encadernados de 12 páginas – será no século 17 até os meados do século 19, durante o chamado período Edo (CALZA, 2010).

É neste período que serão produzidos os Ukiyo-e, gravuras, muitas vezes sequencializadas, que retratavam cenas do cotidiano, com caráter cômico e jocoso, muitas delas, exclusivamente eróticas. Na sua grande maioria mostravam cenas heterossexuais, mas a homossexualidade estava presente, tanto feminina (fig.15), quanto à masculina (fig.16). Assim como os mangás na modernidade, os Ukiyo-e, tinham nomações diferenciadas para cada situação. Assim, havia as gravuras de *Kagama* (fig.19), que retratavam jovens prostitutas masculinos em coitos anais; os *Najimi* (fig.21), que eram os parceiros homossexuais regulares de homens, em

grande parte, monges. Os Najimi se vestiam como mulheres e viviam uma vida doméstica. Os Onnagata (fig.20) eram os atores que só atuavam em papéis femininos no Kabuki e não muito raramente, davam continuidade aos seus personagens femininos na vida real. Retratavam-se também muitas fantasias das mais diversas orientações. Uma das mais recorrentes consistia na penetração involuntária de um jovem homem casado na frente de sua esposa. É um gênero baseado numa famosa peça de teatro chamada jogos de *Osome* e *Hisamatsu* (fig.17 e 18). Trata-se de uma fantasia corriqueira de uma relação sexual a três, envolvendo um jovem casal com um homem mais velho que se interessa pelo homem jovem e não pela esposa. E até cenas sexuais com hermafroditas (fig.22).

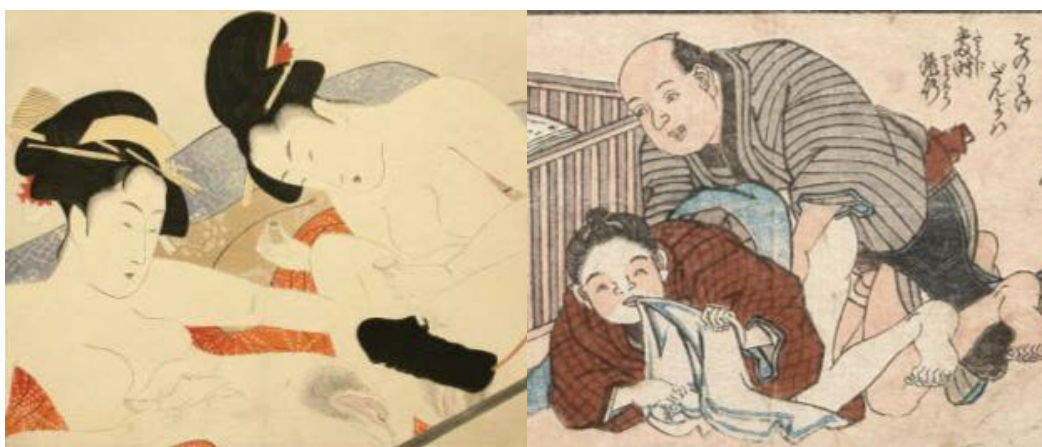


Fig.15 - Duas amantes lésbicas fazendo sexo com o uso de pênis artificial. Fumi no Kiyogaki de Ikeda Terukata (1883-1921). 1899. Calza, 2010, p.310-311

Fig. 16 – relação homossexual retratada nas gravuras de Ukiyo-e, de Utagawa.1860

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?



Fig.17 – Uma das cenas mais recorrentes no Ukiyo-e: um homem mais velho realiza um coito anal com um homem mais jovem e recém-casado. Sua esposa acompanha o ato no fundo do cenário. S\Título. Utamaru, 1801



Fig. 18 – Outro exemplo do Jogo Osome e Hisamatsu. S\Título. Kensei Eisen, 1820.



Fig. 19 – Gravura mostrando o Kageima, jovens prostitutas masculinos prestando seus serviços a um velho monge.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?



Fig. 20 – Um Onnagata (atores de papéis femininos no Kabuki) com seu amante.



Fig. 21 – Coito anal de um Najimi, parceiro fixo de uma relação homossexual.



Fig. 22 – Nesta gravura, o ato sexual acontece com um hermafrodita.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

Considerações finais

É possível supor, portanto, que uma atmosfera favorável à diversidade de papéis sexuais construiu-se no Japão e que podem ser encontradas representações deste ambiente nos mangás (não se eximem aqui as situações de discriminação; enfatiza, outrossim, o ambiente de exibição). A exibição continuada de personagens com diferentes funções no ato sexual e com distintas nomenclaturas, além de uma expectativa de comportamento que tangenciava a dicotomia heterossexual-homossexual, permitiu que se desenvolvessem os diversos segmentos identitários relativos à sexualidade nas artes visuais, particularmente nos mangás.

Estes mangás revelam assim a intertransitoriedade das relações de gênero e da sexualidade homoerótica sem uma posição dicotômica ou determinista, como no ocidente:

[...]temos numerosas classificações segundo o tipo de prática sexual, variando conforme a idade dos parceiros, o status, o gênero com o qual cada parte se identifica, e o contexto no qual os atos são praticados. Trata-se, assim, de um inventário de comportamentos e práticas sexuais adotados em relacionamentos homoeróticos, sem quaisquer extensão de tais práticas para a questão dos sujeitos. Neste contexto, é totalmente coerente que um homem que se sente atraído por mulheres possa vir a se sentir igualmente atraído por um *wakashuu* (adolescente andrógino) ou por um *onnagata* (personalização da fêmea), sem que duvide de sua orientação sexual voltada para o sexo oposto. Do mesmo modo, seria concebível para um *onnagirai* (aquele que odeia mulheres) a falta de interesse sexual por qualquer mulher, sem colocar em questão qualquer natureza identitária, podendo simplesmente abster-se do sexo ou masturba(r)-se na companhia de outros homens, sem que sinta qualquer desejo sexual por estes. (ARANHA, 2010: 247)

Compreender a inserção destes temas inusitados (para os padrões ocidentais) é compreender que é possível dialogar com a diversidade sexual sem o perigo de tropeçar em visões deterministas quanto aos conceitos de impropriedade, barbárie ou quaisquer outros levantados por aqueles que veem a diversidade sexual como antinatural ou problemática. Os japoneses, através dos quadrinhos, conseguem apresentar esta pluralidade de papéis e identidades sexuais sem tratar tais questões como problema ou transtorno.

Muitas ações pedagógicas procuram se desenvolver com o objetivo de (re)educar os jovens com procedimentos e práticas que visam à inclusão dos homossexuais e transgêneros nos contextos sociais de interação social. Como combater a homofobia, historicamente incrustada na nossa sociedade? Cartilhas, campanhas publicitárias, ações afirmativas e diversas outras políticas veem sendo implantadas. Barreiras e procedimentos equivocados são enfrentados com o intuito de construir uma sociedade melhor e mais integrada à diversidade.

Apesar de o Japão, e sua cultura, apresentarem um rigor sexista, muito mais forte que o nosso, a existência de histórias em quadrinhos nas bancas de revistas, livrarias e quiosques espalhados por todo o país, com um material tão diversificado como o apresentado nos tópicos anteriores, nos revela algo importante: apesar da discriminação existir, o modo como a cultura nipônica lida com a educação sexual ou a produção de material de entretenimento relacionado às questões de identidades de gênero e práticas sexuais é muito mais integrador do que no Brasil. A diversidade de identidades de gênero são apresentadas – apesar de não terem aceitação total – como possíveis, existentes e acima de tudo, ambientadas numa convivência social. Existiria exemplo melhor de dinâmicas de integração e educação para a diversidade do que este? Apesar de ter-se restrito às publicações impressas de mangás muitos destes materiais migram para desenhos animados, jogos de videogame, OVAs (especiais para TV) e *Live Action* com atores reais (*Tokusatsu* ou *Sentais*).

Meninos sensíveis e delicados que gostam de coisas de meninas, mas que não são associados a uma preferência sexual – homossexual, por exemplo – da mesma forma que meninas travessas, ríspidas e violentas não necessariamente vão gostar de meninas, isto é, serem lésbicas. Esta simples apresentação da diversidade de gênero, além da dicotômica relação menino-macho, menina-fêmea, permite que surjam, no imaginário dos leitores, a possibilidade de existência de intergêneros e transgêneros sem associar de maneira estereotipada e determinista o comportamento à prática sexual.

Os Mangás (e seus Gêneros subsequentes) não cessam de produzir estas imagens. No Esquadrão Relâmpago Changeman (*Dengeki Sentai Chenjiman*) havia a vilã Sheema, que quando criança bebeu o leite do monstro Wuba e ficou com uma imponente voz grossa de homem, mas apesar de sua voz grossa e de ser vilã, acaba o seriado como aliada, ao perder sua voz masculina. No Cavaleiro dos Zodíacos (Saint Seiya), Shun é um jovem que veste a armadura de Andrômeda, originalmente prevista para uma mulher, a armadura rosa, aliada a uma personalidade delicada e sensível contrastam com as constantes cenas de salvamento protagonizadas pelo seu irmão Ikki, com a armadura de Fênix, musculoso, bravo e selvagem, mas sempre surgindo do além e resgatando seu frágil irmão do perigo (uma clara associação Sone\Uke). Mas, apesar de sua personalidade afeminada, Shun é interessado por uma garota e se mostra corajoso ao enfrentar suas adversidades. Em *YuYu Hakusho*, um shonen tipicamente para meninos heterossexuais, duas pequenas situações ocorrem entre as temporadas: a primeira, quando o protagonista *Yusuke Urameshi* enfrenta uma vilã, *Miyuki*, que na verdade é um homem. E sua descoberta ocorre com uma apalpada nas partes íntimas do\ a vilão\ã. No mesmo desenho há uma declaração de amor entre dois

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

personagens masculinos Hiei e Kurama, que na versão dublada em português foi vetada. Situação semelhante ocorreu com *Sailor Moon (Bishōjo Senshi Sērā Mūn)* onde, entre as cenas de batalha, aparecia o romance entre *Malachite* e *Ziocyte*, dois homens. Na versão dublada, o último é transformado em mulher evitando assim o “constrangimento”. Nas temporadas seguintes, o grupo de meninas ganha um casal lésbico, as Sailor Saturno e Netuno, *Haruka* e *Michiru*, que protagonizam muitas cenas românticas. Em *Sakura Card Captors (Kādokyaputā Sakura)*, o irmão de Sakura, *Toya* descobre-se apaixonado pelo amigo dela, *Yukito*. No mesmo anime, *Toya*, com apenas 12 anos chega a namorar sua professora (Kaho Mizuki) bem mais velha. É assim que em um produto, cujo gênero principal é Aventura Fantástica de Magia, elementos de *shotacon* e *shoujo-ai* penetram, discretamente, sem afetar o enredo geral.

Os media nipônicos brincam com a diversidade de gênero e a descontextualizam do universo sexual. A inserção destes personagens nos enredos mostra que a diversidade de gênero e sexual são ambientes naturais e podem ocorrer a qualquer momento e fazer parte da vida social. Vilões ou mocinhos, as variações intergêneros e intersexuais presentes nestas histórias quebram com o estranhamento e a desconfiança ocasionada pelo não conhecimento. Apresentam e reapresentam as identidades LGBT aos receptores sem mistificar seus comportamentos de gênero ou opções de sexualidade, envolvendo o leitor na recepção evidente da diversidade. Integrando-os a um padrão de normalidade.

A produção de HQ's que incorporam as múltiplas e criativas formas de prazer sexual e discorrem sobre a prática sem taxá-las de perversão ou doença apresentam-nas como seus praticantes as veem: uma forma a mais de amor e prazer, por mais que nas leituras ocidentais sejam vistas como doentias ou incentivadoras de transgressões criminais ou desviantes.

Apesar do exemplo e a proposta integradora que estas publicações trazem sua presença em outros ambientes culturais pode ocasionar – e ocasiona – grandes conflitos culturais. Sua inserção *in natura* deve ser reavaliada sob o risco de comprometer outros processos culturais. Mas é possível usar a experiência na produção de material semelhante. Introduzir personagens transgêneros em histórias e apresentar as diversidades afetivas vinculadas às opções sexuais afastando-se dos estereótipos e das visões discriminatórias é essencial para uma educação inclusiva quanto à diversidade sexual e de gênero.

Referências

- ANNA. Mangás com fanservice BL no Brasil. *Blume – Blue Lemonade Yaoi*. 27 Abr. 2011. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/main/2011/04/27/mangas-com-fanservice-bl-no-brasil/>. Acessado em: 10 Jul 2012.
- ARANHA, Gláucio. Vozes abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 19, p. 240-251, jul. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/3305/2216>. Acesso em: 18 maio 2011.
- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BRAGA JR, A.X. *Desvendando o Mangá Nacional: Reprodução ou Hibridização? Uma análise sociológica da presença das Histórias em Quadrinhos japonesas no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia. UFPE, 2005.
- _____. “A linguagem do mangá”. *Portal Literal*, 2005. Disponível em: <http://www.literal.com.br/artigos/a-linguagem-do-manga>.
- _____. *Desvendando o Mangá Nacional: Reprodução e Hibridização nas Histórias em Quadrinhos*. Maceió: Edufal, 2011a.
- _____. Análise Sociológica e Estética Midiática: Reflexões sobre a Aparência e os Impactos das Histórias em Quadrinhos Japonesas. *História, Imagem e Narrativas*, v. 12, p. 01-23, 2011b. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/esteticamanga.pdf> . Acesso em: 12 abr. 2011.

A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses: educação sexual, pornografia ou mercado erótico?

CALAZANS, F. M. de A.. Mídia e Erotismo: Quadrinhos Eróticos e Seus Consumidores. *Coluna Calazanismo*. 2005. Disponível em: http://www.ligazine.com.br/colunas/cl_calazanismo/calazans_17.htm. Acesso em: 18 maio 2011.

CALZA, Gian Carlo. *Poem of the Pillow and other stories by Utamaro, Hokusai, Kuniyoshi and other artists of the Floating World*. New York: Phaidon Press, 2010.

CÉ, Otavia Alves. Seme Ou Uke? Uma Análise Sobre o Yaoi, Os Quadrinhos Homossexuais Japoneses. *Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010. P. 01-08. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277925701_ARQUIVO_SemeouUke.pdf. Acesso em: 18 maio 2011.

COMENTÁRIO de Lilian Kate Mazaki. 17 Ago. 2011, 09:39, In SE-CHAN. Yuri Week Gallery #14 . KAS: *Kono-Ai-Setsu*. 17 Ago.2011. Disponível em: <http://www.konoaisetsu.blogspot.com.br/2011/08/yuri-week-gallery-14.html>.

Acessado em: 10 Jul 2012.

GRAVETT, P. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad, 2006.

JONES, Vanessa E. *He Loves Him, She Loves Them: Japanese comics about gay men are increasingly popular among women*. 25 abr. 2005. Disponível em: http://www.boston.com/ae/books/articles/2005/04/25/he_loves_him_she_loves_the_m/. Acesso em 18 maio 2011.

McHARRY, Mark; PAGLIASSOTTI, Dru; LEVI, Antonia (Orgs.). *Boys' Love Manga: Essays On The Sexual Ambiguity And Cross-Cultural*. Carolina do Norte: McFarland & CO INC., 2008.

McLELLAND, Mark. *The World of Yaoi: The Internet, Censorship and the Global Boys Love Fandom*. 2005. Disponível em: <http://heinonline.org/HOL/LandingPage?collection=journals&handle=hein.journals/afemlj23&div=7&id=&page=>. Acessado em: 18 maio 2011.

McLELLAND, Mark. Why are Japanese girls' comics full of boys bonking? *Intensities: The Journal of Cult Media*, 2001. Disponível em: <http://intensities.org/essays/mcleveland.pdf>. Acesso em: 8 maio 2010.

MONTEIRO, Núria Augusta Venâncio. *No Reino dos Sentidos: (Des)Construções de Gênero na Anime, Manga, Visual Kei e Estilo Lolita*. 2011, 38p. Digitado [trabalho inédito]

MORAIS, Wenceslau de. *Traços do Extremo Oriente*. Siam-China-Japão. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1895.

NAGADO, Alexandre. Rumos do Mangá Nacional. In *Blog Sushi Pop*. Jul 2010. Disponível em: <http://nagado.blogspot.com/2010/07/rumos-do-manga-nacional.html> . Acessado em: 20 Jul. 2010.

- O'BRIEN, Amy Ann. *Boys' Love and Female Friendships: The Subculture of Yaoi as a Social Bond between Women*. 2008. (Mestrado em Artes – Departamento of Anthropology - Universidade do Estado da Georgia). Disponível em: http://digitalarchive.gsu.edu/anthro_theses/28. Acessado em: 18 maio 2011.
- PACHECO, E. (org.). *Almanaque Shoujo Mangá: o Poder da Sedução Feminina*. São Paulo; Ed. Escala, 2009.
- PERET, Eduardo. *Percepções da Sexualidade: Anime e Mangá*. ELO: Grupo de Pesquisa em Comunicação Intercultural. Edição 04, Maio de 2009. Disponível em: http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO_Ed4_Artigo_animemanga.pdf. Acesso em: 18 maio 2011.
- PETIÇÃO de Mangás Yuri no Brasil. *Petition On Line*. [s/d] Disponível em: <http://www.petitiononline.com/petitions/y5630495/signatures>. Acessado em: 15 jun 2012.
- RODRIGUES, Leonardo P. M.O *Mangá: Diálogos entre a Arte Oriental e Homoerotismo*. II Seminário Nacional - Gênero e Práticas Culturais. Culturas, Leituras e Representações. UEPB. 28 a 30 de outubro de 2009. Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/gt9/10.pdf>. Acesso em 18 maio 2011.
- SE-CHAN. Yuri Week Gallery #57. *KAS: Kono-Ai-Setsu*. 4 Jul. 2012. Disponível em: <http://www.konoaisetsu.blogspot.com.br/2012/07/yuri-week-gallery-57.html>. Acessado em: 10 Jul 2012.
- TANKO. Resultado da pesquisa sobre Yaoi no Brasil. *Blume – Blue Lemonade Yaoi*. 10 Fev. 2011. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/main/2011/02/10/resultado-da-pesquisa-sobre-yaoi-no-brasil/>. Acessado em: 10 Jul 2012.
- TANKO. Resultados da pesquisa “Quem é o Fã de Yaoi no Brasil”. *Blume – Blue Lemonade Yaoi*. 31 dez. 2010. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/main/2010/12/31/resultados-da-pesquisa-quem-e-o-fa-de-yaoi-no-brasil/>. Acessado em: 10 Jul 2012.
- THOMPSON, Kimberly D. *Yuri Japanese Animation: Queer Identity And Ecofeminist Thinking*. 2010. (Mestrado em Literatura Inglesa – Departametno de Inglês – Universidade do Leste da Carolina). Disponível em: http://thescholarship.ecu.edu/bitstream/handle/10342/2913/Thompson_ecu_0600M_10210.pdf?sequence=1. Acessado em: 18 maio 2011.
- THORN, Matt. *Unlikely Explorers: Alternative Narratives of Love, Sex, Gender, and Friendship in Japanese "Girls" Comics*. Conferência. Estudos Asiáticos em New Paltz, Nova Iorque. 16 de outubro de 1993. Disponível em: http://www.matthorn.com/shoujo_manga/sexual_ambiguity/index.html. Acesso em: 18 maio 2011.
- YOUSSEF, Sandra. *Girls who like Boys who like Boys – Ethnography of Online Slash/Yaoi Fans*. 2004. (Bacharleadado em Artes - Departamento of Anthropology - Mount Holyoke College). Disponível em: <http://www.yuuyami.com/luce/thesis.pdf>. Acessado em: 18 maio 2011.